



## **A queda da Casa de Usher**

(Edgar Allan Poe)

Durante todo um dia pesado, escuro e mudo de outono, em que nuvens baixas amontoavam-se opressivamente no céu, eu percorri a cavalo um trecho de campo singularmente triste, e finalmente me encontrei, quando as sombras da noite se avizinhavam, à vista da melancólica Casa de Usher. Não sei como foi – mas, ao primeiro olhar que lancei ao edifício, uma sensação de insuportável angústia invadiu o meu espírito. Digo insuportável, pois tal sensação não foi aliviada por nada desse sentimento quase agradável na sua poesia, com o qual a mente ordinariamente acolhe mesmo as imagens mais cruéis por sua desolação e seu horror. Olhei para a cena que se abria diante de mim – para a casa simples e para a simples paisagem do domínio – para as paredes frias – para as janelas paradas como olhos vidrados – para algumas moitas de juncos – e para uns troncos alvacentos de árvores mortas – com uma enorme depressão mental [...]. Eu tinha no coração uma invencível tristeza onde nenhum estímulo da imaginação podia descobrir qualquer coisa de sublime. Que era – pensava eu, imóvel – que era isso que tanto me atormentava na contemplação da Casa de Usher? Era um mistério inteiramente impenetrável; também não consegui compreender as ideias nebulosas que me assaltaram. Fui forçado a contentar-me com a conclusão insatisfatória de que enquanto, sem dúvida, há combinações de coisas simples que têm o poder de assim nos afetar, a análise desse poder ainda está entre as cogitações além do nosso alcance. Refleti que era possível que um simples arranjo diferente dos pormenores do cenário, das minúcias do quadro, seria suficiente para modificar, ou talvez para aniquilar a sua capacidade de suscitar impressões penosas; e, procedendo de acordo com esta ideia, dirigi o meu cavalo para a borda escarpada de uma lagoa, ou antes de um charco sombrio e lúgubre que formava um sereno espelho perto da residência, e olhei para baixo – mas com uma emoção ainda mais profunda do que antes para as imagens invertidas dos juncos cinzentos, e dos troncos espectrais, e das janelas paradas com olhos mortiços.

Apesar de tudo, resolvi então ficar durante algumas semanas nessa mansão de melancolia. [...]

Reparando nestas coisas, transpus um curto caminho que conduzia à casa. Um criado tomou o meu cavalo e eu penetrei na arcada em estilo gótico do vestíbulo. Um outro criado de passos furtivos conduziu-me depois, em silêncio, através de muitos corredores escuros e intrincados, para o estúdio do seu amo. Muitas coisas que encontrei pelo caminho contribuíram, não sei como, para acentuar as vagas impressões de que já falei. Enquanto os objetos em torno de mim – enquanto as pinturas do teto, as sombrias tapeçarias das paredes, o negrume de ébano dos soalhos, e os fantasmagóricos troféus de armas que retiniam enquanto eu caminhava – eram apenas coisas com as quais eu me acostumara na infância – enquanto eu não vacilava em reconhecer o quanto tudo isto era familiar – ainda me admirava de achar quão pouco familiares eram as impressões que as imagens ordinárias me despertavam. Numa das escadas, encontrei-me com o médico da família. A sua

fisionomia pareceu-me encerrar uma mescla de baixa astúcia e de embaraço. Ele cumprimentou-me com qualquer coisa de trepidação e passou. O criado agora abriu uma porta e pôs-me na presença do seu amo. [...]

À minha entrada Usher levantou-se do sofá onde estivera deitado em todo o comprimento, e saudou-me com um calor e uma vivacidade que tinha muito, pensei a princípio, de cordialidade exagerada – do esforço constringido do homem cansado do mundo. Contudo, um olhar à sua fisionomia convenceu-me da sua perfeita sinceridade. Sentamo-nos; e por alguns momentos, enquanto ele não falava, eu o contemplei com um sentimento onde se mesclavam a piedade e o horror. [...]

As maneiras do meu amigo logo me chamaram a atenção em virtude de uma incoerência – de uma contradição; o que descobri de uma série de esforços fracos e inúteis para vencer um tremor habitual – uma excessiva agitação nervosa. Para isto, aliás, eu na verdade fora preparado, não menos por sua carta, do que por certas reminiscências de traços infantis e por conclusões tiradas do seu particular temperamento e constituição física. Os seus movimentos eram alternadamente vivazes e pesados. A sua voz variava rapidamente de uma indecisão trêmula (quando a vitalidade parecia totalmente esgotada) e essa espécie de concisão energética – essa elocução abrupta, pesada, tardonha e soturna – essa voz gutural, de chumbo, perfeitamente modulada, que pode ser observada nos beberrões perdidos ou nos incorrigíveis fumadores de ópio, durante os períodos da sua mais intensa excitação.

Foi assim que ele me falou do objeto da minha visita, do seu profundo desejo de me ver, e da consolação que esperava receber de mim. Entrou, com alguma profundidade, no que julgava ser a natureza de sua doença. Disse que se tratava de um mal constitucional, de família, e para o qual já desesperara de encontrar remédio – uma simples afecção nervosa, acrescentou imediatamente, que sem dúvida passaria. Manifestava-se através de um número de sensações anormais. Algumas destas, à medida que ele as particularizava, interessaram-me e causaram-me pasmo; entretanto, talvez os termos e a maneira geral do seu modo de narrar exercessem a sua influência. Sofria muito de um aguçamento mórbido dos sentidos; o mais insípido alimento era-lhe insuportável; só podia usar roupas de certo tecido; o aroma de quaisquer flores lhe era opressivo; seus olhos eram torturados mesmo por uma réstia de luz; e havia apenas alguns sons peculiares, e estes de instrumentos de cordas, que não lhe causavam horror.

Compreendi que estava escravizado a uma sensação anormal de medo. [...]

Disponível em: <  
[http://covilgeek.com.br/podcast/covildelivros/a\\_queda\\_da\\_casa\\_de\\_usher.pdf](http://covilgeek.com.br/podcast/covildelivros/a_queda_da_casa_de_usher.pdf)>. Acesso em  
26 abril 2018.

## 1º LUGAR – MANHÃ

**Mabel Cirilo Lopes**

Após a longa conversa que tivemos, fui acomodado no pequeno quarto de hóspedes e adormeci.

Mesmo na manhã ensolarada do dia seguinte, a casa de Usher continuava em um estado de melancolia escura e fria. Dirige-me do meu pequeno quarto para a espaçosa sala de estar, onde encontrei Roderick Usher. Ele estava em um canto escuro da sala, pois não gostava de se expor à luz, mas pude perceber que estava pálido, magro e completamente debilitado. Sentei-me em uma velha poltrona de couro, mantendo uma certa distância, e perguntei como ele estava. Com a voz rouca, ele respondeu que estava bem, que sua aparência cansada era apenas devido à sua doença, a misteriosa doença que tanto me intrigava.

Naquela mesma manhã, uma nova visitante chegou à casa: a senhorita Alícia. Ela tinha por volta dos trinta anos, era magra, de cabelos pretos e longos, uma pessoa aparentemente normal.

À noite o céu ficou encoberto com nuvens escuras, dando um clima ainda mais sombrio à casa de Usher. Eu estava em meu quarto, deitado na pequena cama de solteiro, observando a fraca luz do abajur e escutando os uivos do vento batendo sobre as janelas, quando, de repente, ouvi gritos vindos do fundo da casa. Tomei coragem e saí para ver o que era. Ao chegar próximo do quarto de Alícia, encontrei Usher com os olhos vermelhos e uma mancha escura em sua camisa. Quando cheguei mais perto, percebi que os seus olhos haviam voltado a ser de um preto intenso. Perguntei se ele estava bem e ele me respondeu que sim, abrindo um largo sorriso. Nesse momento, pude perceber uma mancha vermelha em seus dentes. Ele se despediu e saiu do corredor. Retornei ao meu quarto e mal consegui dormir, pensando no que acabara de ver.

Na manhã seguinte, encontrei a senhorita Alícia e notei duas marcas avermelhadas, parecidas com dois buracos, em seu pescoço. Não me atrevi a perguntar do que se tratava, mas tinha a impressão de que algo não estava normal.

Durante o transcorrer do dia chuvoso, escuro e silencioso, fiquei pensando nos últimos acontecimentos e não me saía do pensamento que a misteriosa doença de Usher estava ligada a algo sobrenatural.

À noite a chuva continuava forte, com violentos raios. Fui até a cozinha para pegar um copo de água e escutei passos vindos na minha direção. Escondi-me atrás de um velho armário e fiquei espiando: os passos pesados se aproximaram e vi que se tratava de Roderick Usher e Alícia. De repente, seus olhos ficaram intensamente vermelhos e seus dentes se tornaram pontiagudos, como presas de um animal feroz. O medo se espalhou pelo meu ser. Usher não tinha doença, era um vampiro e tinha transformado Alícia, por isso a cena da noite passada e as marcas em seu pescoço. O pânico se espalhou por pelo meu corpo. Dei-me conta de que estava preso em uma casa com dois vampiros. Tinha que dar um jeito de sair o mais rápido possível. Eles começaram a se afastar e, tomando o maior cuidado para não fazer barulho, comecei a subir para o meu quarto.

Quando estava no estreito e escuro corredor, já próximo ao meu quarto, senti algo estranho e me virei. Vi que Usher e Alícia vinham em minha direção, entrei

rapidamente no quarto e comecei a juntar meus pertences. Com um estrondo, a porta se quebrou e Usher e Alícia conseguiram entrar. Joguei neles vasos e objetos quaisquer que encontrei e, sem pensar duas vezes, peguei meus pertences e saí pela janela. Comecei a correr pela estrada deserta, sob um céu com nuvens baixas, tentando me afastar o máximo da sombria casa de Usher. Já um pouco distante, me virei para olhar a casa e vi que ela estava desmoronando. Continuei a seguir em frente, deixando para trás a misteriosa casa de Usher que agora não passava de um mote de entulho.

## **1º LUGAR – TARDE**

### **Larissa Bastos Juvito**

Sentado naquela velha poltrona, encarando aquela expressão seca e sem vida, mal podia reconhecer os traços daquele que um dia foi considerado o mais perspicaz aluno do clube de ciência da Woodrow Wilson High School. A mansão inteira estava imersa na escuridão, a única luz presente agora era o brilho da lua, que, com muito esforço, conseguia encontrar um caminho entre as cortinas empoeiradas dos imensos janelões da mansão. Os únicos sons audíveis eram a voz rouca e arrastada do velho Usher e o uivo do vento que soprava contra as vidraças da janela. No entanto, havia algo que estava me incomodando desde o momento em que me sentei naquela poltrona. Alguém nos observava. Mas, segundo Usher, ele agora estava sozinho. Os criados haviam sido dispensados. No dia seguinte pela manhã, receberia apenas a velha faxineira que sempre vinha para lhe preparar as refeições do dia e limpar a mansão - o que fazia muito mal, pelo que pude observar.

Estava ficando tarde, e já estava cansado da viagem. Usher havia falado que eu poderia escolher qualquer quarto do térreo para minha estadia. O que me deixou intrigado foi a seguinte frase: "Você não deve, sob hipótese alguma, ir para o primeiro andar". Não conseguia imaginar a razão por trás de tanto mistério. O que seria digno de tanto segredo? Estava cansado demais para pensar e só desejava uma cama onde pudesse repousar meu corpo e recuperar minhas energias.

Enquanto buscava o meu quarto, parecia estar caminhando sobre uma ponte velha, o que me fez pensar se havia algo debaixo daquelas tábuas desgastadas ou se meus pensamentos estavam apenas sendo influenciados por aquela aura melancólica e sombria. Finalmente, encontrei um quarto que ficava próximo à cozinha e em frente ao banheiro social, mas o melhor é que a luz da lua podia penetrar todo o cômodo como se pudesse expulsar todas as trevas que engolia aquela enorme mansão. Parecia que aqueles lençóis nunca haviam sido trocados, o quarto estava coberto por teias de aranhas e por um pó fino que você só encontra em residências do campo. Ao lado da cama, pude encontrar uma velha cômoda; na segunda gaveta, encontrei alguns lençóis limpos, então, substituí toda a roupa de cama.

Quando me deitei, pensei que iria cair no sono imediatamente, o que não aconteceu: comecei a encarar o teto e pensar sobre os fatos curiosos daquela visita. Foi necessário apenas alguns minutos para eu perceber que próximo ao lustre, que há muito tempo não funcionava mais, havia um pequeno texto em vermelho. No entanto, estava ilegível da posição em que me encontrava. Pensei em ficar de pé e me aproximar do teto para tentar ler a mensagem deixada, mas era muito esforço para um

homem de 45 anos que havia passado o dia viajando. Mas como alguém poderia ter escrito aquela mensagem? E por que tanto esforço para tal? As perguntas não paravam de vir e eu não conseguia dormir. Decidi me levantar e descobrir o que estava gravado naquele teto. Me ergui e encarei fixamente o teto e finalmente consegui entender o que estava escrito: "Um assassino condenado à morte precisa escolher entre três salas para receber sua execução. Na sala um, há vários focos de incêndio; na sala dois, vários assassinos com armas carregadas; na sala três, vários leões que não comem há cerca de três meses. Qual sala o assassino deve escolher, se quiser escapar da morte?". Uma charada? Tanto trabalho por uma charada com uma resposta tão óbvia! Foi desapontador. Naquela noite fui dormir com um sentimento estranho, algo não estava certo.

Estava quente, surpreendentemente quente. A luz estava tão forte que não conseguia enxergar nada, tudo o que via era uma imensidão branca e sem forma. O som... Bem... Era indescritível, uma mistura de natureza e gritos e zumbidos e gemidos; não conseguia isolar nenhum deles, como se estivessem saindo de um único lugar ao mesmo tempo, gerados por algo que não consigo descrever ou sequer afirmar sua existência.

Parou, tudo parou! De repente eu estava de volta à minha cama, mas não era a minha cama, algo não estava certo. Acordei com o mesmo sentimento de antes, não sabia o que fazer para contornar a situação, levantei-me e fui lavar o rosto, tentar clarear a mente e pensar de forma sensata. Segui em direção ao banheiro, meu reflexo no espelho era assustador, como se não dormisse há anos. Eu estava realmente perturbado, aquela visita não estava me fazendo bem, nesse momento decidi retornar um pouco mais cedo do que o planejado. Liguei a torneira e o que saiu pela tubulação antiga parecia uma lama preta, gosmenta e expelia um odor putrefato que nunca havia sentido. Isso não me parecia certo, não poderia ser real. Encarei-me no espelho lutando para acordar daquele sonho e questionando se aquilo realmente era um sonho e, mais uma vez, tive a sensação de estar sendo observado. Saí para o corredor, não havia ninguém lá. Próximo dali podia enxergar as escadarias que davam para o primeiro andar, e sentia algo me chamando, empurrando-me para perto delas, como se uma força desejasse me pertencer.

Cheguei aos pés da escada, havia algo lá em cima e não parecia ser algo amigável, parecia assustador e sedento por algo ou alguém... vacilei e caí na madeira desgastada. Quando percebi, estava em um piso úmido, muito claro e barulhento, não conseguia enxergar nada, nem sequer os meus passos. Tateei o espaço, mas não havia saída e eu estava desesperado. Tentei manter a calma e pensar. Eu só tinha duas opções: seguir o barulho ou me afastar dele. Não tive escolha a não ser seguir o barulho: andava cautelosamente sendo guiado por aquele ruído cada vez mais ensurdecador. A cada passo, parecia que o caminho ficava cada vez mais íngreme, imaginava ser resultado da situação da sobreposição dos sentidos. A luz me cegava e já não sabia se meus tímpanos iriam sobreviver àquele desafio, mas segui em frente, era a única coisa que podia fazer.

O barulho foi interrompido bruscamente e, nesse exato momento, pensei ter perdido minha visão. Quando consegui abrir meus olhos, tudo que conseguia ver era um borrão cinza. Aos poucos, minha visão foi voltando ao normal e percebi que estava dentro do que parecia ser uma sala de tortura. Tesouras dos mais diversos tipos e tamanhos, furadeiras, serras, facas e facões, machados, correntes, lâminas, tudo que

se pode imaginar, cuidadosamente separado em grupos. Logo ao lado tinha uma maca, provavelmente o leito de morte das vítimas; no canto da sala, na parte mais clara, era possível encontrar uma enorme gaiola com centenas de luzes apontadas para ela. Dentro havia um homem nu. Espantei-me ao perceber que aquele era Roderick Usher. Mas como? O que estava acontecendo? Aquilo definitivamente não podia ser real - era o que eu pensava. Caminhei até ele e percebi que ele resmungava algo muito baixinho, aproximei-me para tentar ouvi-lo: "Pare... pa... re... Eu... não... aguento mais... Me mate logo... Por... favor... Me tire desse lugar... Não machucarei mais... ninguém".

Não entendi no momento o que aquelas palavras significavam, então, o questionei: "Usher, é você? O que está acontecendo?". Ele parecia não ouvir o que eu estava falando, então, percebi que as luzes o estavam cegando e ele não conseguia me reconhecer. Apaguei todas as luzes, exceto uma. No início ele não demonstrou nenhuma reação, levou quase 20 minutos para ele começar a enxergar o que estava a sua volta. Quando ele me viu deu um grito abafado e sombrio. Não entendi o porquê daquele grito, mas no fundo eu sentia aquela presença e não queria acreditar... Trêmulo me virei, caí e fiquei paralisado com a imagem que vi. Era uma criatura horrenda, com vários membros e faces, com feridas expostas por todo o corpo e por cada buraco visível do corpo saía um líquido negro. Quando a vi senti algo estranho, frio... Era dor, pena, medo... O mais puro e brutal sofrimento estampado em cada olhar daquela criatura.

"Você não deveria estar aqui", "Temos que o matar", " Ele é amigo desse lixo", "Não merece viver", "Mas ele não nos fez mal algum", "Cale-se"... Gritavam todas de uma vez, não conseguia entender nada, o que era aquela criatura e por que prendeu o Usher? Não conseguia fazer nada, estava paralisado com medo da verdade por trás de tudo aquilo. Olhei para Usher e ele parecia aterrorizado. Perguntei mais uma vez o que estava acontecendo e ele apenas me encarou calado e eu pude ver a culpa em seus olhos. "O que você fez?" - perguntei. Ele não conseguiu dizer uma só palavra, apenas apontou para um quadro na parede lateral: dezenas de fotos de mulheres loiras, deviam ter por volta de 20 anos. No cantinho de cada foto a data e a hora de suas mortes. Foi então que comecei a entender o que ocorrera naquele porão.

A criatura me atacou. De alguma forma, consegui desviar. Ela era grande e lenta. Não conseguia acreditar no que estava acontecendo. Tinha que falar com essa coisa, precisava checar os fatos. Como Usher poderia ser capaz disso?

- Usher, o que você fez? Me responda!

- Era... mais forte que... eu. Não conseguia me controlar...

E a criatura o atacou dentro da gaiola:

- Cale-se!

Precisava de algo para me defender, e arma era algo que não me faltaria naquele lugar. Peguei a maior que vi e procurei por uma saída, não poderia voltar pelo mesmo lugar que entrei.

- Onde estamos? Me diga, Usher, que lugar é esse?

- Esse é... meu inferno em vida - ele me encarou pálido.

- Me mate, por favor, me mate.

- Nãoooo! - Gritou a criatura.

Ela começou a me perseguir, tentei me defender de seus golpes, mas ela era muito forte. Tinha que descobrir uma forma de me livrar dessa coisa, então, me lembrei das correntes e tentei montar uma armadilha para prendê-la em meio àquela confusão.

Enquanto isso, Usher continuava cochichando algo: "Este mundo não existe, sou torturado dia e noite, aqui e lá... Não aguento mais, me mate... Me mate! Em nome de nossa amizade".

Finalmente, quando a criatura caiu na armadilha, consegui encontrar uma escadaria escondida. Precisava sair rápido dali, e não poderia levar um assassino comigo. Por outro lado, não poderia abandonar um amigo, tive que tomar uma decisão difícil: levar um assassino doentio comigo e arriscar a vida de mais inocentes, deixá-lo lá sendo torturado eternamente ou livrá-lo daquele sofrimento? Não tive coragem de tirar a vida dele, então, joguei uma faca dentro da gaiola. Se ele desejava tanto assim a morte que o fizesse ele mesmo. Corri para as escadas e ela me levou até a cozinha da mansão.

Ecoou pela mansão um grito aterrorizante da criatura. Parecia que ela havia se soltado. Corri o mais rápido possível para a porta de entrada, mas estava trancada. A criatura estava na cozinha. Corri para as escadarias que levavam ao andar de cima. A coisa estava mais agressiva e mais rápida, então, aumentei o passo. Chegando no primeiro andar, entrei no corredor. Enquanto corria, a criatura destruía tudo que tocava. No fim do corredor, avistei 3 portas estranhas, cada uma tinha uma figura talhada e nenhuma possuía fechaduras ou trincos, olhei para trás e a criatura estava cada vez mais próxima, precisava escolher em qual porta entrar. Veio, então, a memória da noite passada e me lembrei da charada tão óbvia que me fez rir naquele momento, empurrei a porta com a figura de um leão. Após ter aberto a porta, vi um clarão forte que me forçou a fechar os olhos. Quando consegui abri-los, percebi que estava no quarto de Usher, no primeiro andar. Ele estava sangrando, havia cortado sua garganta. Olhei para trás e a criatura estava vindo em minha direção. Atirei-me por uma das janelas e caí no jardim. Senti uma forte dor ao chegar ao chão, levantei-me, comecei a correr, mas fui perdendo a consciência aos poucos, tendo atrás de mim a visão da mansão desmoronando.

- Foi isso que aconteceu, Sr. Delegado. Não tenho culpa na morte de Roderick Usher.

## **2º LUGAR – MANHÃ**

### **Hebert Nuno Miguel Alves**

Depois dessa longa conversa, fui vestir-me com a roupa que uso para dormir, no quarto separado para as visitas. Este era bem pequeno e com tonalidade escura e sombria.

Ao sair do quarto para buscar um pouco de água, percebi que Usher cuidava de um cachorro, aparentemente fofo e dócil, aparentemente. Voltei para o meu aposento e dormi.

Por volta da meia-noite, ouvi um barulho ensurdecedor. Abri uma pequena brecha da porta e vi a cena mais assustadora da minha vida. O cachorro, aparentemente dócil, estava transformado e irreconhecível, com os olhos esbugalhados e cerca de cinquenta vezes maior que o seu tamanho normal. Ele estava com a boca lavada de sangue. Havia devorado Usher, pedaço por pedaço. Fiquei trêmulo e com um suor congelante que escorria por todo o meu corpo; acabei fugindo o mais rápido possível.

Sete anos após a minha visita, entendi o que havia ocorrido naquela noite. Usher havia contraído a sua doença após uma magia realizada pelo irmão de sua falecida esposa, a quem o próprio Usher havia matado de uma forma muito cruel: ele a esquartejara. Depois de ter sofrido durante anos com essa doença, Usher foi submetido a um novo ritual macabro, muito mais poderoso que o anterior, no qual estavam presentes os sete irmãos da sua falecida esposa. Nesse ritual foi determinado que a morte de Usher ocorreria da mesma forma que a morte de sua esposa. O ser a quem ele amava mais que tudo na sua vida seria possuído por espíritos malignos e haveria de matá-lo. Esse ser era o seu próprio cachorro.

## **2º LUGAR – MANHÃ**

**Isaiane Rozado Pereira**

O seu semblante pálido e deprimido fez-me imaginar um abismo do qual lutamos incansavelmente para sair e a melancolia de esquecermo-nos no vazio. Sua existência me pareceu tão pouco valiosa, desprovida de toda alegria humana, que observei seu corpo denunciar conscientemente esses sinais. O que restava de um coração esperançoso foi-se embora com a última inspiração da noite. Mesmo diante de suas belas e delicadas flores, todo mal causado não se desfazia.

E, naquela noite tenebrosa, ao som dos trovões mais cruéis que já ouvi, vi-o partir com tamanha serenidade que me senti incapaz de qualquer ação. Seus últimos suspiros pareceram reconfortantes, como se fossem um sinal de que agora tudo estaria bem. Seus olhos límpidos se fecharam gradativamente. Enquanto observava um pouco espantado, pude perceber a calma que exalava no ar. O céu opaco e perturbador deu espaço às estrelas brilhantes que clareavam a sala através das janelas, e nesse instante percebi que noite melhor não poderia existir para o descanso pleno daquela alma cansada.

## **2º LUGAR – TARDE**

**Tauan Lemos de Sousa**

Após a longa conversa com Roderick Usher, fiquei nervoso e um pouco aflito.

Já no meu quarto, escutei um forte grito amedrontador chamando meu nome. Minhas calças não estavam mais secas, e, com medo, não conseguia nem mesmo controlar meu próprio corpo. Então, comecei a correr descontroladamente pelo corredor e pelas escadas, até chegar ao jardim. Mas, em pouco tempo, devido à umidade da calça, minhas pernas finas começaram a "assar". Sem conseguir correr, me escondi. Nesse instante, escutei passos se aproximando. A noite estava fria, mas eu estava me "desmanchando" em suor, e tremia muito, mas não por causa da temperatura e sim pelo medo. De repente, o silêncio. Senti uma mão fria tocando meu ombro e, em seguida, um forte aperto que me deixou sem ar... Era o proprietário da casa, Roderick Usher. Ele se abaixou lentamente e, no meu ouvido, falou que me achava charmoso e queria apenas me convidar para um jantar. Respondi que estava sem fome, mas ele insistiu; com medo, aceitei.

Ele me levou de volta para a sua velha casa. Quando tocamos os pés dentro



dela, Usher foi envolvido por uma forte luz que o puxou rapidamente para fora. Nesse momento, eu comecei a sangrar por todos os orifícios. Ali estava o meu fim, a minha morte, eu serviria de oferenda para a sua libertação. A casa de Usher foi demolida e os escombros se transformaram no meu túmulo que, em segundos, sumiu totalmente da terra sem deixar rastros.

*The end.*

### **3º LUGAR – TARDE**

**Pedro Victor Jó Bastos**

Após relembrar, momentaneamente, o motivo da minha visita, resolvi entrar na casa.

Ao bater brevemente na porta e não obter resposta alguma, resolvi não causar mais barulho, pois isso poderia piorar ainda mais a situação do meu anfitrião. Decidi, então, checar se havia alguém lá dentro. Ao abrir a porta de madeira à minha frente, um intenso rangido ecoou dentro do enorme salão escuro no interior da casa. Quando resolvi entrar de fato e parte do meu sapato tocou levemente o assoalho de carvalho escuro que se estendia por toda a residência, senti um intenso pânico repentino, como se algo estivesse entrando em meu corpo. Por um instante, fiquei paralisado na porta da casa e uma sensação horrível veio à tona: meu corpo se sentia como se houvesse sido rejeitado pela moradia. Os sentimentos ruins que havia sentido lá fora somente se intensificaram ao entrar em contato com o interior da mansão.

Optei por privar minha mente desses pensamentos e essa sensação ruim foi um pouco amenizada. O rangido da porta pareceu-me mais intenso quando escutado de dentro da residência. Findo esse barulho, um silêncio ensurdecedor ressoou em meus ouvidos. Notei que as imensas janelas que havia observado do lado de fora estavam cobertas por grandes cortinas de seda vermelha, com detalhes nas bordas, eram bordados em uma espécie de amarelo bastante intenso. Tais cortinas não deixavam ultrapassar, sequer, um simples raio de sol, ou, à noite, a iluminação proporcionada pela lua. Os candelabros e os lustres de metal, razoavelmente enferrujados, possuíam apenas algumas velas quase totalmente desgastadas, por esse motivo a casa estava quase que totalmente imersa em uma escuridão profunda. À minha frente, estava uma escada que levava ao primeiro andar da casa. Eram notórias as teias de aranha na interseção de alguns dos degraus. Embora os móveis estivessem empoeirados, a casa não estava muito suja. E por algum motivo, mesmo com as janelas fechadas e cobertas, era perceptível uma brisa bastante fraca, produzindo um leve som ao tentar apagar as velas que ainda lutavam para conseguir ficar acesas.

Ao entrar na construção, ouvi passos firmes vindos do andar de cima. Esses pareciam estar se direcionando para a escada à minha frente. Uma silhueta humana se formou no fim da escada e começou a vir em minha direção. Por conta da baixa iluminação, não consegui identificar quem era. Apenas quando se aproximou mais e entrou no meu campo de visão, que estava iluminado pelos lustres, percebi, com muita dificuldade, que era meu velho amigo, Roderick Usher, dono da casa. O que me espantou foi a grande mudança causada em seu corpo por causa de sua doença. Enquanto lia a carta em que ele me descrevia seus sintomas e em que me convidava

para a sua melancólica e sombria casa, não imaginava que ela teria causado tantos danos ao seu corpo. O castanho escuro de seus olhos estava desbotado, seu cabelo havia perdido a cor, estava completamente branco, sua pele parecia mais enrugada e o motivador sorriso que ele mostrava todas as vezes que nos encontrávamos havia sido substituído por uma breve expressão de tristeza.

Após nos cumprimentarmos, dessa vez sem nenhum aperto de mão, como costumávamos fazer antigamente, ele me mostrou, no andar de cima, o quarto em que ficaria hospedado. O quarto parecia ser o de seu pai. Na carta que recebi, Roderick me contou que ele falecera pouco antes dos primeiros sintomas de sua enfermidade começar a perturbá-lo. Sete grandes quadros estavam espalhados pelo quarto. Entretanto, somente um, o de seu pai, não estava com a face voltada para a parede, todos os outros seis estavam ocultos. A expressão de espanto estampada no rosto da imagem causava horror. Perguntei-me como conseguiria dormir em um quarto assim. Usher pediu para que eu acomodasse meus pertences e logo após voltasse lá para baixo para conversarmos.

Fiquei curioso em relação aos quadros, e, quando Roderick saiu do quarto, não pensei duas vezes e virei todos eles. Eu me lembrava de alguns dos rostos pintados naqueles longos quadros: eram os antigos proprietários da casa. Nas outras vezes em que estivera aqui, quando era menor, havia conversado com alguns desses rostos. Espantou-me ver todos eles pintados com uma expressão horrenda.

Quando, enfim, terminei de colocar os quadros no lugar e de me acomodar, fui em direção à escada e percebi que o cômodo ao lado estava totalmente iluminado. Um forte feixe de luz escapava de todos os vãos da porta, inclusive do trinco. Eu estranhei, já que qualquer luz mínima irritaria Usher. Entretanto, ao passar em frente a esse cômodo, rapidamente o feixe de luz se dissipou e tudo voltou a ficar totalmente escuro. Tentei me tranquilizar e pensei que talvez estivesse vendo coisas. Resolvi deixar isso de lado e voltar lá para baixo, como havia me pedido Usher.

Ao chegar lá embaixo, vejo Roderick sentado em uma poltrona em frente a uma lareira que não está acesa.

- Sente-se aqui. Disse ele, apontando para uma poltrona próxima a que ele estava sentado.

Estranhei algo. A personalidade de Usher havia mudado completamente, ele estava mais feliz agora, não falava mais pausadamente como quando cheguei aqui, e uma pergunta não saía da minha mente: Aquela forte luz naquele cômodo teria alguma relação com essa mudança radical de comportamento?

Ao me aproximar da poltrona, notei que havia um símbolo pintado recentemente no piso embaixo dela, com um tom avermelhado muito forte. Ao me sentar, um ruído muito alto soou por toda a casa. Ele parecia um freio de um trem desgovernado que lutava para não cair em um precipício. Esse barulho parecia sair do quarto onde havia visto o feixe de luz. E o mais estranho é que Roderick, que estava do meu lado, parecia agir como se não tivesse ocorrido NADA! Nesse momento, entrei em pânico: aquele não era Roderick Usher, pois se esse ruído conseguiu atingir o limite dos meus tímpanos, imagine o de um homem que possuía uma exageração nos sentidos. Ao olhar para o meu anfitrião, percebi que ele me encarava com um sorriso assustadoramente perturbador. Os sentimentos e as sensações ruins que havia sentido quando entrei na casa rapidamente voltaram e se intensificaram drasticamente. Nesse momento, eu comecei a me perguntar se haveria realmente um motivo plausível para

Usher ter me convidado para a sua casa, já que ter um hóspede somente agravaria os seus sintomas.

Então, os olhos de Roderick Usher começaram a perder a cor, até ficarem totalmente esbranquiçados. Seus dedos começaram a ficar pontiagudos e pareciam conseguir perfurar qualquer material e qualquer superfície. Um líquido verde, com um odor putrefato, escorreu de sua boca. Sua pele começou a ficar mais resistente e seus ossos começaram a se deformar até ele tomar uma forma não humana. Tomado completamente pelo medo, comecei a correr em direção à saída, entretanto, a porta não existia mais e todas as cortinas do andar de baixo haviam se transformado em quadros, provavelmente eram os mesmos que estavam em meu quarto. Mas agora havia uma diferença: no rosto de cada pessoa, estava estampada a data da sua morte.

Decidi tentar encontrar alguma outra forma de escapar daquela criatura horrenda. Ela começou a correr atrás de mim, mas não era muito rápida. Eu corria por todas as salas da casa em busca de uma forma de fugir. Se continuasse nesse ritmo, com certeza, fugiria rapidamente. Entretanto, a criatura pausou por um instante e soltou um estrondoso rugido, deformando-se novamente: seus músculos aumentaram e ela ficou exageradamente forte em questão de segundos! Nesse momento, a criatura ergueu uma mesa e a arremessou na minha direção. Eu não esperava por aquilo e foi por esse motivo que meu braço foi quebrado. A força da criatura era tão imensa que um simples arremesso de um frágil móvel conseguiu descolar gravemente o meu úmero. A sensação de dor causava-me a impressão de que meu braço teria sido brutalmente rasgado e lançado para longe de meu corpo. A criatura parou novamente para se deformar, mas eu não iria ficar esperando novamente a sua transformação.

Comecei a subir para o primeiro andar, enquanto a figura ainda estava terminando de se retorcer. Sem pensar duas vezes, subi as escadas e entrei no único cômodo que estava com a porta aberta, o quarto no qual eu havia visto o feixe de luz e de onde provavelmente teria saído o ruído.

Ao entrar no quarto misterioso, risadas de uma multidão começaram a penetrar nos meus ouvidos. A porta se fechou e uma mensagem começou a ser escrita sozinha no teto do cômodo. Estava escrito: "Mate ele agora". Era uma mensagem escrita com sangue. Segundos depois da aparição da mensagem, litros de sangue começaram a fluir das paredes, até que, pouco tempo após o início desse evento, uma piscina de sangue já havia alcançado a altura da minha canela.

Rapidamente eu corri e me joguei contra uma janela, e, juntamente comigo, uma grande quantidade de sangue caiu nos arbustos mortos fora da casa. Pela mesma janela, um livro foi arremessado para fora. Peguei-o e comecei a correr para longe. Nesse instante, a casa de Usher começou a desabar e o livro que segurava passou a ficar cada vez mais pesado, até um ponto em que não consegui mais segurá-lo. Quando deixei o livro cair no chão por conta do seu peso, resolvi abri-lo. As letras de quase todas as páginas começaram a desaparecer, mas na última página algo permaneceu escrito: "Quando o proprietário desta casa morrer, seu filho irá adquirir uma enfermidade profunda, e, aos poucos, também morrerá. Quando esse dia chegar, a alma de seu pai estará presa em seu corpo até que outra pessoa morra no mesmo local em que ele morreu. Se a pessoa selecionada para morrer quebrar a maldição e sair da casa antes de sua morte, a casa entrará em ruínas e todos aqueles que morreram nela ficarão presos nos destroços para SEMPRE "

Quando fechei o livro, ele começou a virar pó. Após a leitura, alguns eventos se

esclareceram: talvez, no momento do forte feixe de luz, Usher tivesse morrido e seu pai tivesse possuído o seu corpo. Talvez a poltrona fosse o local da morte do pai de Usher e talvez fosse ali que ele queria me assassinar. Bem, são só hipóteses... A origem dessa maldição ainda é um mistério.